

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B988e

Bussi, Michel, 1965-

Eu devia estar sonhando [recurso eletrônico] / Michel Bussi; tradução de Carolina Selvatici. - 1. ed.
- São Paulo: Arqueiro, 2021.

recurso digital

Tradução de: J'ai dû rêver trop fort

Formato: e-book

Requisitos do sistema: autoexecutável

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5565-147-8 (recurso eletrônico)

1. Romance francês. 2. Livros eletrônicos. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

21-70472

CDD: 843

CDU: 82-31(44)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

– “Eu ganho”, disse a raposa, “por causa da cor do trigo”.

– Não entendi, mamãe.

Fecho o livro e me inclino um pouco mais sobre a cama de Laura.

– Bom, a raposa nunca mais vai ver o príncipezinho. Mas como o príncipezinho é louro, tem o cabelo da cor dos campos de trigo, sempre que a raposa vir os campos, vai pensar no amigo. Como sua amiga Ofelia, que se mudou para Portugal no fim do ano. Mesmo que você nunca mais veja sua amiga, sempre que ouvir falar desse país, ou sempre que ouvir o nome dela, ou vir uma menina com cabelo preto e cacheado, vai pensar em Ofelia. Entendeu?

– Entendi.

Laura pega Patinho, seu bichinho de pelúcia, depois agita o globo de neve da Sagrada Família de Barcelona antes de colocá-lo de volta na mesinha de cabeceira. Ela para, pensativa, e franze a testa, anunciando sua dúvida:

– Mas, mamãe, se eu nunca mais ouvir falar de Portugal ou nunca conhecer outra menina chamada Ofelia, ou de cabelo cacheado, quer dizer que vou esquecer minha amiga?

Abraço Laura e enxugo minhas lágrimas no cobertorzinho amarelo do bicho de pelúcia.

– Não se você gostar muito dela, minha querida. Quanto mais gostar dela, mais você vai encontrar coisas na sua vida que vão fazer você pensar nela.

Olivier põe a cabeça para dentro do quarto e balança o punho com o relógio: hora de dormir. Laura começou a frequentar a escola, já é um ano importante, o mais importante de todos. Eu não discuto, apenas ajeito o lençol sobre ela.

Ela me agarra pelo pescoço para um último abraço.

– E você, mamãe? Tem alguém que você amou tanto que nunca quis esquecer? Tanto que vai passar a vida toda encontrando coisas que vão fazer você pensar nessa pessoa?

I

MONTREAL

1

12 de setembro de 2019

– ESTOU INDO.

Olivier está sentado à mesa da cozinha, as mãos em torno da caneca de café. Seu olhar atravessa a janela e a porta muito mais adiante, muito depois do jardim, muito depois do ateliê, até a bruma do rio Sena. Ele responde sem se virar para mim:

– Você tem mesmo que ir?

Hesito. Me levanto e puxo a saia do uniforme. Não quero começar uma conversa demorada. Não agora. Não tenho tempo. Me limito a sorrir. Ele também, aliás. É seu jeito de fazer perguntas sérias.

– Tenho que estar no Roissy, terminal 2E, às nove horas. Para isso, quando abrirem as lojas preciso já ter passado de Cergy.

Olivier não fala mais nada, seus olhos seguem as curvas do rio, as carícias do olhar parecendo apreciar a perfeição infinita, em câmera lenta, com a mesma paciência usada para avaliar o arredondado de uma cabeceira, a curva de uma cômoda feita sob medida, o ângulo das vigas de um arco arquitetônico. A intensidade com a qual ele sempre me olha quando saio do banho e me deito na cama. A intensidade que, aos 53 anos, ainda me torna bonita, me arrepia. Em seus olhos. Apenas em seus olhos?

Você tem mesmo que ir?

Olivier se levanta e abre a janela. Já sei que ele vai avançar um passo e jogar as migalhas do pão de ontem para Geronimo, o cisne que fez um ninho no fim da nossa rua, às margens do Sena. Um cisne domado que defende seu território e por isso é nosso, mais do que um rottweiler. Alimentar Geronimo é o ritual de Olivier. Olivier adora rituais.

Percebo que ele não quer repetir a pergunta, essa pergunta ritual que faz sempre que saio:

Você tem mesmo que ir?

Desde sempre, sei que essa pergunta de Olivier não se resume a uma brincadeira um pouco repetitiva nem a querer saber se tenho um tempinho para tomar um café antes de ir embora. O *Você tem mesmo que ir?* vai muito além disso, significa: *Você tem mesmo que continuar nessa droga de profissão de comissária de bordo?*, nos deixando durante quinze dias por mês, viajando pelo mundo, sempre em movimento? *Você tem mesmo que ir?*, agora que a casa está quitada, agora que as meninas estão crescidas, agora que não precisamos de mais nada? Tem mesmo que manter esse emprego? Olivier já me fez essa pergunta cem vezes: o que os chalés dos Andes, de Bali ou do Canadá têm que nossa casa de madeira não tem, a casa que construí para você com minhas próprias mãos? Olivier já propôs cem vezes que eu mudasse de profissão: você poderia trabalhar comigo na oficina, a maioria das esposas de artesãos vira sócia do marido. Você poderia fazer a contabilidade ou ficar como secretária na marcenaria. Melhor do que jogar nosso dinheiro fora pagando funcionários incompetentes...

Saio de meus pensamentos e assumo minha voz jovial da classe executiva:

– Anda, não posso ficar enrolando!

Enquanto Geronimo se entope de pão com cereais, acompanho com o olhar a rota de uma garça-real que alça voo sobre os charcos do Sena. Olivier não responde. Sei que ele não gosta do barulho das rodinhas da minha mala no piso de abeto. Aquela breve raiva já familiar ressoa na minha cabeça. Sim, Olivier, eu tenho mesmo que ir! Meu trabalho é minha liberdade! Você fica e eu vou. Você fica e eu volto. Você é o ponto fixo e eu, o movimento. Funcionamos assim há trinta anos. Vinte e sete

deles com uma aliança no dedo. Quase o mesmo tempo criando duas filhas. E muito bem, não acha?

Subo até nosso quarto para pegar minhas malas. Suspiro por antecipação. Olivier poderia me torturar com um alicate ou uma furadeira e eu nunca confessaria quanto me irrita ter que arrastar essa maldita mala por todas as escadas, escadas rolantes e elevadores do planeta. A começar pelos dez degraus do nosso chalé. Subindo, visualizo mentalmente a escala do mês: *Montreal, Los Angeles, Jacarta*. Me forço a não pensar na coincidência improvável, mesmo que, apesar de tudo, os anos desfilem e me levem para vinte anos atrás. Vou pensar nisso mais tarde, quando estiver sozinha, tranquila, quando...

Tropeço na mala e por pouco não vou parar no chão.

Meu armário está aberto!

Minha gaveta está entreaberta.

Não a das joias, não a das echarpes, não a dos produtos de beleza.

A dos meus segredos!

A gaveta que Olivier não abre. A gaveta que só pertence a mim.

Dou um passo à frente. Alguém a bisbilhotou, tenho certeza disso na hora. As lembranças, os bilhetinhos infantis de Laura e Margot não estão no lugar certo. As centáureas e espigas de trigo secas, colhidas no campo do meu primeiro beijo, estão esfareladas. Os post-its rosa de Olivier, que diziam *Saudades, bom voo, minha menina do ar, volte logo*, estão espalhados. Tento me acalmar; talvez esteja imaginando coisas, perturbada pela estranha série de destinos, *Montreal, Los Angeles, Jacarta*. Talvez eu mesma tenha misturado tudo, como poderia lembrar, não abro essa gaveta há anos. Estou quase me convencendo disso quando um reflexo brilhante atrai meu olhar, algo sob a gaveta, numa tábua do piso. Eu me abaixo e arregalo os olhos, sem acreditar.

Meu seixo!

Meu pequeno seixo esquimó. Para começar, ele não saiu dessa gaveta por quase vinte anos! Então as chances de ter pulado sozinho para o chão são pequenas. A pedrinha, do tamanho de uma bola de gude grande, é a prova de que alguém andou bisbilhotando minhas coisas... recentemente!

Solto um palavrão, colocando o seixo no bolso do uniforme. Não tenho tempo para tocar no assunto com Olivier. Nem com Margot. Isso

pode esperar. Afinal, não tenho nada a esconder nessa gaveta, apenas lembranças largadas, abandonadas, cuja história apenas eu conheço.

Saio do meu quarto e enfio a cabeça pela porta do de Margot. Minha grande adolescente está deitada na cama, o celular apoiado no travesseiro.

- Estou indo.
- Pode me trazer cereal? Acabei com o pacote hoje de manhã!
- Não vou fazer compras, Margot, vou trabalhar!
- Ah... E volta quando?
- Amanhã à noite.

Margot não me pergunta para onde vou, não me deseja boa sorte e muito menos boa viagem. Ela mal nota quando não estou em casa. Aí quase arregala os olhos ao me ver à mesa do café da manhã, antes de ir para a escola. Isso eu também não confessaria a Olivier, mas a cada nova viagem sinto saudade dos anos, não muito distantes, em que Margot e Laura choravam histericamente cada vez que eu saía para trabalhar, em que Olivier tinha que arrancá-las dos meus braços, em que elas passavam os dias com os olhos voltados para o céu para ver a mamãe e esperavam minha volta em frente à janela mais alta, sentadas em uma escadinha construída pelo papai especialmente para isso, tempos em que eu só tranquilizava a angústia delas com muitas promessas. Traria para elas um presente do fim do mundo!

• • •

Meu pequeno Honda Jazz azul corre por entre os campos nus, tostados por um grande sol alaranjado. Cento e vinte quilômetros de estrada federal separam o Roissy do nosso chalé em Porte-Joie. Uma estrada para caminhões, que há muito tempo não gosto de cruzar. Olivier diz que eu chegaria mais rápido de balsa. É quase verdade! Faz trinta anos que pego a FR-14 a qualquer hora do dia e da noite, com voos de 12 horas nas pernas e jetlags quase iguais na cabeça. Algumas pessoas têm medo de avião, mas já enfrentei muito mais sustos nesse tapete cinza que atravessa o condado de Vexin do que em todas as

pistas do planeta onde decolei e aterrissei por trinta anos, em três ou quatro voos por mês. Três este mês.

Montreal, de 12 a 13 de setembro de 2019

Los Angeles, de 14 a 16 de setembro de 2019

Jakarta, de 27 a 29 de setembro de 2019

Não vejo nada na estrada além do quadrado de lona cinzenta de um caminhão holandês que respeita escrupulosamente o limite de velocidade, na minha frente. Para me distrair, começo um cálculo complicado. Um cálculo de probabilidades. Minhas últimas lembranças de probabilidades são do ensino médio, quando tinha a idade de Margot. Vai ser difícil acertar. Quantos voos intercontinentais partindo do Roissy a Air France oferece? Algumas centenas? Opto por uma estimativa baixa e arredondo para duzentos. Então tenho uma chance em duzentas de ir para Montreal... Até aí, nada de mais. Voltei à cidade duas ou três vezes desde 1999. Mas qual é a probabilidade de ir a Montreal e depois a Los Angeles? Mesmo sendo péssima em matemática, o resultado deve ser algo como 200 vezes 200. Tento visualizar os números no quadro cinza que é a traseira do caminhão, bem na minha frente. Deve dar uma série de quatro zeros, então uma chance em muitas dezenas de milhares... Se acrescentarmos um terceiro destino consecutivo – Jakarta –, o total de combinações possíveis sobe para 200 vezes 200 vezes 200. Um número com seis zeros. Uma chance em milhões de encadear os três voos no mesmo mês! É inacreditável... mas está escrito nitidamente na folha enviada pelo cara da escala... *Montreal, Los Angeles, Jakarta...* A tríade na ordem certa!

Pouco antes da subida de Saint-Clair-sur-Epte, o holandês entra em um estacionamento, sem dúvida para tomar café da manhã em uma parada de beira de estrada. Meu carro de repente parece ter asas. Piso no acelerador, ainda alinhando os zeros na cabeça.

A tríade na ordem certa... Afinal, uma chance em um milhão ainda é uma chance... É a possibilidade a que se agarram todos os que preenchem um bilhete da loteria. Nada de impossível. Apenas improvável. Só o acaso. Um deus brincalhão deve ter encontrado um

filme antigo do meu passado e resolvido rebobiná-lo para se divertir. Três destinos idênticos. Depois de vinte anos.

Montreal, de 28 a 29 de setembro de 1999

Los Angeles, de 6 a 8 de outubro de 1999

Jakarta, de 18 a 20 de outubro de 1999

Como se tentasse atenuar a força das imagens que, apesar de tudo, se projetam em minha mente, aumento o volume do rádio. Um rapper grita alguma coisa em inglês. Xingo Margot, que voltou a pegar meu carro emprestado para a aula de direção, e giro o botão até captar a primeira música que parece ter melodia.

Saudade.

“Let it be”.

Quase sufoco.

Os zeros em meu cérebro começam a girar, se unem numa longa corrente que estrangula meus pensamentos. Quantas chances, em quantos milhões, de tocar essa música?

Que deus brincalhão eu provoquei?

When I find myself in times of trouble...

Meus olhos ficam marejados de repente. Penso em parar no acostamento, ligo o pisca-alerta, quando o celular preso ao painel vibra.

Mother Nathy comes to me...

Laura!

– Mãe? Você está na estrada? Pode falar?

Laura, que dos 16 aos 25 anos nunca deu a mínima para minha escala... e que há um ano e meio é a primeira a tê-la, menos de uma hora depois que a recebo... senão entra em pânico! Que, assim que a lê, começa a sublinhá-la... e me liga!

– Mãe, vi que você volta de Montreal na sexta à noite. Posso deixar o Ethan e o Noé contigo no sábado de manhã? Eu e Valentin temos que ir à Ikea. Não vou levar meus dois pestinhas comigo de jeito nenhum. Eu deixo os dois às dez, para você ter tempo de se recuperar, tá?

Dez horas da manhã? Obrigada, minha querida! Com jetlag de seis horas depois de voltar do Canadá, você sabe que as chances de eu dormir

à noite são pequenas... Quanto à Ikea, minha querida, reze para seu pai não ficar sabendo!

– Obrigada, mãe – continua Laura, sem me deixar escolher. – Bom, vou lá. Tenho que dar os remédios aos meus pacientes.

Ela desliga.

Laura... A mais velha. Vinte e seis anos, enfermeira no Bichat.

Laura, a sensata. Laura, a organizada. Laura, a de vida planejada, casada com seu policial, Valentin, subtenente em Cergy, que espera a promoção para se tornar tenente. Ela é o ponto fixo e ele, o movimento. Mesmo que tenham mandado construir uma casa em Pontoise. Você precisa entender, mãe, é um investimento...

Laura, mãe há um ano e meio de gêmeos encantadores e agitados, Ethan e Noé, que Olivier vai adorar quando tiverem idade para mexer com marcenaria e que, até lá, ficam comigo quando estou de folga. Não é perfeito, uma avó que some quinze dias por mês, mas que no resto do tempo está totalmente disponível para os netos?

Fico um tempo encarando a tela apagada do celular, a capa rosa feminina, a pequena andorinha preta rabiscada com caneta esferográfica. Volto a aumentar o som.

Let it be.

Na minha cabeça, o deus brincalhão volta a rir.

Montreal, Los Angeles, Jacarta.

Ele projeta os três destinos mais lindos da minha vida, antes do buraco negro, do buraco branco, do nada.

A vertigem sem vestígios, o arrancar, o abandono, a entrega, o vazio, insondável, insuportável,

que, apesar de tudo, aguentei todos esses anos.

Que preenchi com Laura, depois Margot, depois Ethan e Noé.

Que preenchi...

Há mulheres que preenchem e mulheres que são preenchidas.

Let it be. Que seja.

• • •